

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto 1

Continuamos os mesmos

Goiânia, 28 de setembro de 1987. Uma cápsula de célio 137, aberta por cidadãos, que se encantam com seu brilho azulado, contamina mais de 200 pessoas. O saldo é de quatro mortes e uma mostra da falta de conhecimento da sociedade sobre os riscos ambientais a que está exposta. Mas, o assunto só virou notícia nas agências três dias depois do acidente. Ganhou a primeira página apenas uma semana depois, no dia 4 de outubro.

Mais do que revelar a falta de segurança em relação a riscos corriqueiros ao meio ambiente e à população, o acidente de Goiânia mostrou a fragilidade da informação sobre os riscos ambientais. Passados apenas 13 anos, poucos profissionais têm memória precisa do acidente. “Foi na década de 80, mas não sei precisar exatamente o ano nem as conseqüências do acidente”, reconhece a jornalista Flávia Marroni. Profissional de televisão, premida pelo relógio, Flávia não tem tempo para pesquisar e mesmo se tivesse não acharia muito material para consultar. O acidente está nos jornais da época, escondido entre a eterna crise política do governo Sarney e os jogos da Copa União. Somente alguns anos depois é que se teve a noção exata da dimensão do acidente.

Quem diz isso é o jornalista Randáu Marques, considerado da primeira geração de ecojornalistas do Brasil. Ele trabalhava no Jornal da Tarde e acompanhou de perto o acidente de Goiânia, sem entender bem por que o tema demorou a virar notícia nacional. “Tínhamos noção da gravidade do acidente, mas o foco de atenções era bem outro, não havia uma grande preocupação com esse tipo de assunto nos jornais e revistas e, além do mais, o País vivia uma crise política intensa”, tenta explicar Randáu.

É verdade, embora não justifique o descaso com o tema ambiental. Mesmo em países onde a informação é um produto mais elaborado, como Estados Unidos, a cobertura ambiental demorou a decolar. “Apenas na década de 70 o noticiário sobre os problemas do meio ambiente ganhou espaços nobres nos veículos europeus e americanos”, diz a professora Ilza Girardi, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

Alguns fatores ajudaram a consolidar **essa** tendência, como a permanência da energia nuclear nos países centrais e os problemas de abastecimento energético que foram notícia entre 1973 e 1974. E, depois disso, a incidência cada vez mais freqüente de acidentes ligados à natureza, como vazamentos de oleodutos e escapamentos nucleares. Foi a época das catástrofes ambientais, do espetáculo, como define a professora Ilza. “Os veículos descobriram o assunto sob a ótica da tragédia, dos fatos sensacionais que acabam sendo determinantes para vender jornais”, explica.

Talvez por isso, a cobertura do tema ambiental seja tão instável nos veículos de comunicação. Disputando com outros assuntos a primazia para vender jornais ou revistas, o tema naturalmente não ganhou consistência. “A cobertura ambiental sofreu muitos reveses, devido ao fato de não se encaixar facilmente na produção de notícias e por ser ofuscada freqüentemente por outras questões, como as crises econômicas e políticas”, complementa Ilza Girardi. É fácil perceber isso, segundo a professora. “Muitas vezes, os editores não sabem o que fazer com um relato de conteúdo ambiental porque não há um encaixe natural para ele”, explica. Em geral, essas matérias tanto podem ser enquadradas como econômicas, políticas, médicas ou científicas, sem comprometer nenhuma das definições.

A jornalista Liana John reforça **essa** tese. Há 17 anos ela fez a primeira matéria sobre meio ambiente, na revista Isto É. Era uma época em que os temas se confundiam: agricultura tinha tudo a ver com ecologia. “O tema do meio ambiente era absolutamente marginalizado nos veículos de comunicação”, lembra a jornalista. Quem se ocupava do assunto era taxado de maluco. Pior: de xiita. “Havia uma politização muito grande nesse período. Então, a abordagem que fazíamos das questões ambientais era naturalmente muito crítica”, explica. [...]

Aos poucos, segundo Liana, a cobertura foi se qualificando. Principalmente quando se revestiu de um caráter mais científico, mais técnico. Editores passaram a exigir de seus repórteres mais pesquisa, mais leitura sobre um tema que não encontrava amparo em cursos de especialização ou na memória de outros profissionais. “Fomos criados à base do autodidatismo mesmo”, reconhece a jornalista. [...]

Nesses pouco mais de 20 anos de informação ambiental no Brasil, o que se pode ver é muita dispersão e pouca produção organizada de relatos jornalísticos. Os acidentes e catástrofes ganharam as primeiras páginas, mas só na falta de notícias mais sensacionais, como uma crise política ou uma final de campeonato.

O tema se fixou, é verdade, mas está longe de ter a unanimidade de editores e donos de veículos de comunicação. Na falta de uma notícia melhor, fica-se com a presunção de que estamos mais atentos e cuidadosos nos riscos que corremos de contaminar e inviabilizar a vida em vários pontos do planeta. Presunção facilmente desmanhada ao primeiro acidente de grandes proporções, como o que contaminou a Baía de Guanabara com petróleo há pouco mais de um ano. Continuamos iguais.

QUESTÃO 21

Levando-se em conta **o sentido global** do texto “Continuamos os mesmos”, de autoria do jornalista Flávio Ilha, pode-se afirmar que o autor

- A) critica o fato de a mídia não priorizar a veiculação de informações ambientais, sendo o título do texto um índice do ponto de vista realista do autor em relação à divulgação dos temas ambientais nos meios de comunicação.
- B) concorda com o fato de que a mídia deve priorizar as informações políticas e econômicas em detrimento das informações ambientais, sendo o título do texto um índice da ironia do autor em relação ao espaço destinado à cobertura ambiental nos meios de comunicação.
- C) contesta o fato de a mídia apenas veicular informações ambientais com enfoque político ou econômico, sendo o título do texto um índice da ironia do autor em relação ao espaço destinado à cobertura ambiental nos meios de comunicação.
- D) assevera o fato de que a mídia prioriza a veiculação de informações ambientais, sendo o título do texto um índice do ponto de vista otimista do autor em relação à divulgação dos temas ambientais nos meios de comunicação.

QUESTÃO 22

De acordo com o **Texto 1**, os termos em negrito, nas linhas 21 e 35, são

- A) pronomes demonstrativos com função de retomada de idéia anterior que fazem referência, respectivamente, à tendência de o meio ambiente ganhar espaços nobres nos veículos de comunicação (linha 21) e à tese da instabilidade do espaço que o tema “meio ambiente” ocupa nos veículos de comunicação (linha 35).
- B) pronomes demonstrativos com função de remeter a idéia posterior que fazem referência, respectivamente, à tendência de veicular as informações ambientais sob a ótica da tragédia (linha 21) e à tese de que há 17 anos havia uma politização muito grande das questões ambientais (linha 35).
- C) pronomes indefinidos com função de retomada de idéia anterior que fazem referência, respectivamente, à tendência de a cobertura ambiental demorar a decolar (linha 21) e à tese de que os editores não sabem o que fazer com os conteúdos ambientais (linha 35).
- D) pronomes indefinidos com função de remeter a idéia posterior que fazem referência, respectivamente, à tendência de o meio ambiente ganhar espaços nobres nos veículos de comunicação (linha 21) e à tese da instabilidade do espaço que o tema “meio ambiente” ocupa nos veículos de comunicação (linha 35).

QUESTÃO 23

O parágrafo abaixo foi extraído do **Texto 1**. Leia-o.

Aos poucos, segundo Liana, a cobertura foi se qualificando. Principalmente quando se revestiu de um caráter mais científico, mais técnico. Editores passaram a exigir de seus repórteres mais pesquisa, mais leitura sobre um tema que não encontrava amparo em cursos de especialização ou na memória de outros profissionais. “Fomos criados à base do autodidatismo mesmo”, reconhece a jornalista. (linhas 40 a 43)

Nas frases desse parágrafo, a intertextualidade é marcada pela presença de discursos relatados. Esses discursos relatados se configuram, respectivamente, como:

- A) discurso direto e discurso direto, sendo que o uso desse discurso indica menor comprometimento do autor com o que é dito.
- B) discurso indireto e discurso indireto, sendo que o uso desse discurso indica maior comprometimento do autor com o que é dito.
- C) discurso indireto e discurso direto, sendo que o uso do discurso indireto indica maior comprometimento do autor com o que é dito.
- D) discurso direto e discurso indireto, sendo que o uso do discurso indireto indica menor comprometimento do autor com o que é dito.

QUESTÃO 24

O uso dos diferentes modos verbais traduz uma atitude do autor relativa ao processo verbal, que pode ser encarado como algo real, eventual ou necessário. Sobre esse assunto, considere o trecho abaixo.

Talvez por isso [o fato de o tema ambiental ter sido descoberto pela imprensa sob a ótica da tragédia], a cobertura do tema ambiental **seja** tão instável nos veículos de comunicação. Disputando com outros assuntos a primazia para vender jornais ou revistas, o tema naturalmente não ganhou consistência. (**Texto 1**: linhas 27 a 28)

Em relação a esse trecho, pode-se afirmar que o verbo **ser** no

- A) presente do subjuntivo, associado ao termo “talvez”, expressa um desejo que se configura como uma necessidade: a necessidade de os meios de comunicação abordarem os temas ambientais.
- B) presente do subjuntivo, associado ao termo “talvez”, expressa uma virtualidade/eventualidade que se configura como uma hipótese: a instabilidade do tema ambiental decorreria do fato de ter sido descoberto pela imprensa sob a ótica da tragédia.
- C) imperativo, associado ao termo “talvez”, expressa um desejo que se configura como uma opinião: a opinião de que a instabilidade do tema ambiental decorreria do fato de ter sido descoberto pela imprensa sob a ótica da tragédia.
- D) imperativo, associado ao termo “talvez”, expressa uma condição que se configura como uma realidade: a realidade de que os meios de comunicação abordam os temas ambientais sob a ótica da tragédia.

QUESTÃO 25

No trecho:

Quem se ocupava do assunto era taxado de maluco. **Pior: de xiita.** (Texto 1: linhas 37 a 38)

Em relação à construção **Pior: de xiita**, pode-se afirmar que o termo **pior** indica uma

- A) comparação de superioridade relativa ao valor pejorativo dos termos “maluco” e “xiita”, sendo que os dois pontos introduzem o termo considerado inferior na comparação.
- B) opinião do autor do texto relativa ao valor pejorativo dos termos “maluco” e “xiita” e os dois pontos introduzem uma retificação do termo “maluco” pelo termo “xiita” de menor valor pejorativo.
- C) comparação de inferioridade relativa ao valor pejorativo dos termos “maluco” e “xiita”, sendo que os dois pontos introduzem o termo considerado inferior na comparação.
- D) opinião da jornalista Liana John relativa ao valor pejorativo dos termos “maluco” e “xiita” e os dois pontos introduzem uma retificação do termo “maluco” pelo termo “xiita” de maior valor pejorativo, segundo a jornalista citada.

QUESTÃO 26

Há situações em que a apreensão do sentido literal não é suficiente para garantir a compreensão do texto. A realização de inferências por parte do leitor pode ser necessária para a compreensão de um texto, como se pode observar no trecho abaixo:

Nesses pouco mais de 20 anos de informação ambiental no Brasil, o que se pode ver é muita dispersão e pouca produção organizada de relatos jornalísticos. Os acidentes e catástrofes ganharam as primeiras páginas, mas só na falta de notícias mais sensacionais, como uma crise política ou uma final de campeonato. (Texto 1: linhas 44 a 46)

Em relação a esse trecho, pode-se

- A) inferir que, para o autor do texto, a abundância de notícias sensacionais não afeta o espaço dado às informações ambientais na mídia.
- B) pressupor que a informação ambiental ganhou as primeiras páginas na mídia dada sua relevância social.
- C) inferir que, para o autor do texto, a informação ambiental ainda carece de espaço na mídia.
- D) pressupor que, para o autor do texto, a informação ambiental não carece de espaço na mídia.

QUESTÃO 27

Considere os trechos abaixo.

(1) "... e, além do mais, o País vivia uma crise política intensa", **tenta explicar** Randáu.
(**Texto 1**: linhas 15 a 16)

(2) **É verdade, embora** não justifique o descaso com o tema ambiental. (**Texto 1**: linha 17)

Nesses trechos, os termos em negrito indicam, respectivamente,

- A) em (1), uma atenuação da explicação de Randáu: o autor não a considera suficiente para explicar o descaso com o tema ambiental; essa atenuação é expandida, em (2), pela expressão "é verdade" e pela inserção de um argumento novo, por meio do uso de uma conjunção aditiva que pode ser substituída por "e", sem alteração da relação de sentido estabelecida entre as orações.
- B) em (1), uma apreciação do autor do texto em relação à fala de Randáu: o autor não a considera suficiente para explicar o descaso com o tema ambiental; essa apreciação é reforçada, em (2), pela forma polida com que introduz a ressalva ("embora não justifique o descaso com o tema ambiental"), por meio do uso de uma conjunção concessiva, que pode ser substituída por "ainda que", sem alteração da relação de sentido estabelecida entre as orações.
- C) em (1), uma apreciação do autor do texto em relação à fala de Randáu: o autor a considera suficiente para explicar o descaso com o tema ambiental; essa apreciação é reforçada, em (2), pela expressão "é verdade" e pela inserção de um argumento novo, por meio do uso de uma conjunção explicativa que pode ser substituída por "porque", sem alteração da relação de sentido estabelecida entre as orações.
- D) em (1), uma atenuação da explicação de Randáu: o autor a considera suficiente para explicar o descaso com o tema ambiental; essa atenuação expandida, em (2), pela forma polida com que introduz a ressalva ("embora não justifique o descaso com o tema ambiental"), por meio do uso de uma conjunção adversativa que pode ser substituída por "mas", sem alteração da relação de sentido estabelecida entre as orações.

Leia atentamente o **Texto 2** e, em seguida, responda às questões **28, 29 e 30**.

Texto 2

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Bandeira, Manuel. O bicho. In *Estrela da vida inteira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p.196.

QUESTÃO 28

Levando-se em conta o sentido global do **Texto 2**, pode-se afirmar que o texto

- A) argumenta contra a degradação humana por meio do relato de um fato, sendo que a expressão “meu Deus” indica indignação perante a degradação humana.
- B) relata uma situação freqüente em nossa sociedade, sendo que a expressão “meu Deus” assevera a efemeridade da situação.
- C) argumenta contra a degradação humana por meio do relato de um fato, sendo que a expressão “meu Deus” assevera a religiosidade da situação relatada.
- D) relata uma situação freqüente em nossa sociedade, sendo que a expressão “meu Deus” indica o conformismo do autor perante a degradação humana.

QUESTÃO 29

Considere a segunda estrofe do poema “O bicho”. (**Texto 2**)

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

Nesse trecho, os dois pontos servem para

- A) atenuar o que é dito posteriormente e introduzir um argumento que desenvolve os argumentos anteriores.
- B) enfatizar o que é dito posteriormente e introduzir um argumento que desenvolve os argumentos anteriores.
- C) enfatizar o que é dito anteriormente e acrescentar um argumento que restringe os argumentos anteriores.
- D) atenuar o que é dito anteriormente e acrescentar um argumento que restringe os argumentos anteriores.

QUESTÃO 30

No **Texto 2**, o homem executa atos próprios dos animais, o que o define como bicho. Levando em consideração a transferência de características próprias dos animais para o homem, pode-se afirmar, em relação ao processo de construção textual, que

- A) é sinestésico, pois a sinestesia expressa um sentimento visual que dá um tom de tristeza e indignação ao texto.
- B) é metonímico, pois atribui algumas características próprias dos animais ao homem.
- C) é metafórico, pois coloca o homem no nível dos animais.
- D) é antitético, pois a antítese expressa uma oposição entre os modos de ser do bicho e os do homem.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

